



EMPÍREO 2

REBECCA YARROS

Tradução
Nuno Carvalho

 Planeta

Às minhas colegas zebras.
Nem toda a força é física.

Chama de Ferro é uma aventura fantástica absolutamente eletrizante no mundo feroz e competitivo de uma escola de guerra para cavaleiros de dragões, que conta com a descrição de elementos relativos a guerras, tortura psicológica e física, prisão, violência intensa, feridas sangrentas, situações perigosas, sangue, desmembramentos, incêndios, assassinios, mortes, linguagem explícita, perda de familiares, dor e atividades sexuais. Os leitores que possam ser sensíveis a estes elementos deverão ter isto em conta e preparar-se para se juntarem à revolução...

QUARTA DIVISÃO

As estruturas das outras divisões é semelhante



CHEFE DE DIVISÃO



OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

PELOTÃO GARRA

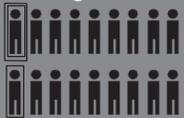


CHEFE DE
PELOTÃO

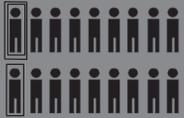


OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

ESQUADRA 1



ESQUADRA 2



ESQUADRA 3



ESQUADRAS = 15-20 PESSOAS

PELOTÃO LABAREDA

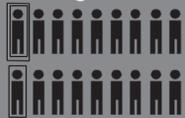


CHEFE DE
PELOTÃO

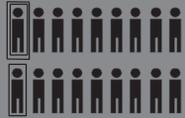


OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

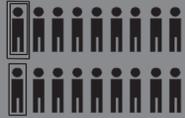
ESQUADRA 1



ESQUADRA 2



ESQUADRA 3



CONTORNO DUPLO = CHEFE DE ESQUADRA
SIMPLES = OFICIAL EXECUTIVO, SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

PELOTÃO CAUDA



CHEFE DE
PELOTÃO



OFICIAL EXECUTIVO
SEGUNDO NA LINHA DE COMANDO

ESQUADRA 1

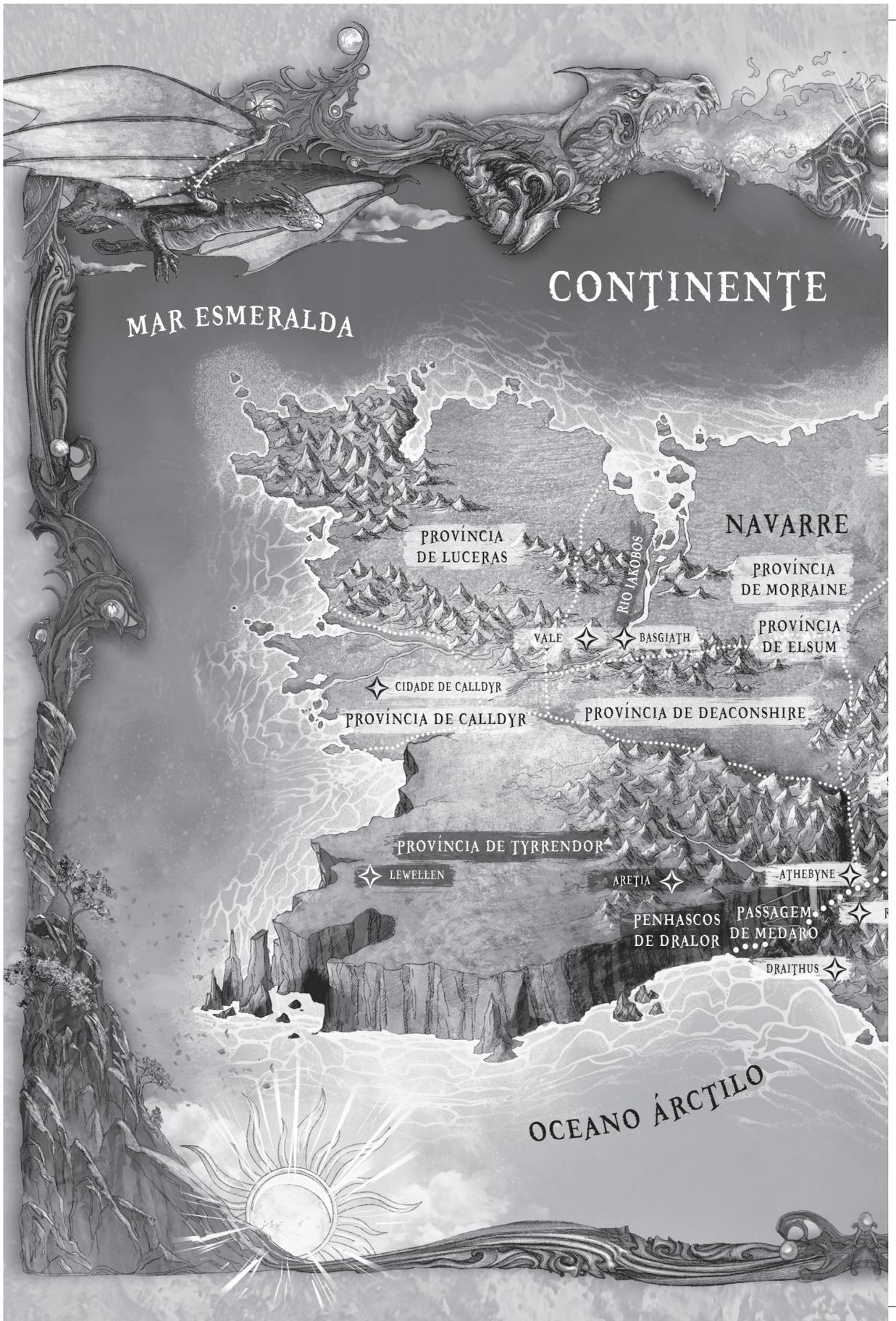


ESQUADRA 2



ESQUADRA 3





MAR ESMERALDA

CONTINENTE

PROVINCIA DE LUCERAS

NAVARRE

PROVINCIA DE MORRAINE

PROVINCIA DE ELSUM

VALE

BASGIATH

CIDADE DE CALLDYR

PROVINCIA DE CALLDYR

PROVINCIA DE DEACONSHIRE

PROVINCIA DE TYRENDOR

LEWELLEN

ARETIA

ATHEBYNE

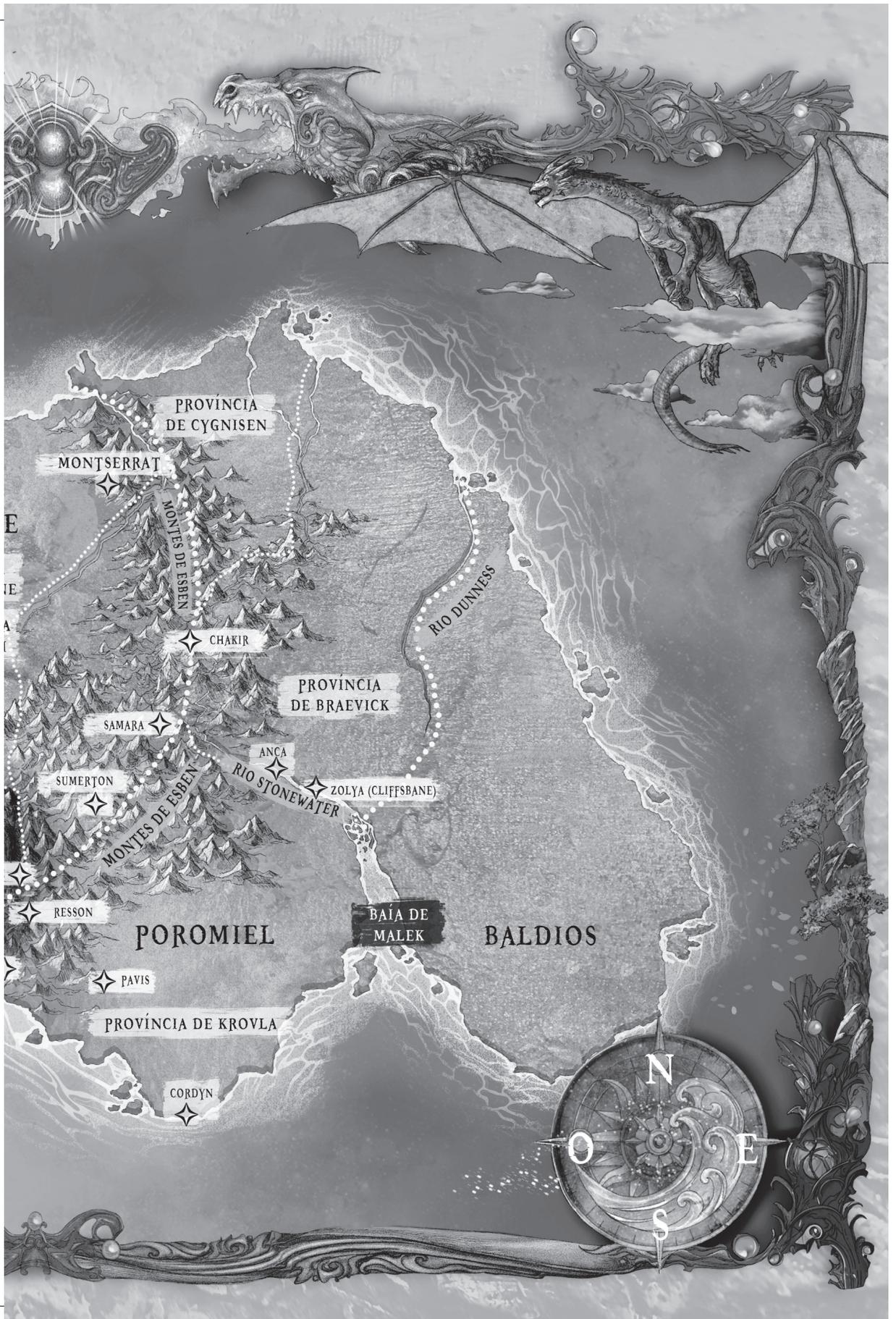
PENHASCOS DE DRALOR

PASSAGEM DE MEDARO

DRAITHUS

RIO JAKOBOS

OCEANO ÁRCTILO





O texto que se segue foi fielmente transcrito do navarrês para a língua moderna por Jesinia Neilwart, conservadora do Quadrante dos Copistas da Escola de Guerra de Basgiath. Todos os acontecimentos são verdadeiros e os nomes foram preservados para honrar a coragem dos que não resistiram. Que as suas almas sejam confiadas a Malek.

PRIMEIRA PARTE

Ao 628.º ano da nossa Unificação, fica, pelo presente, registado que Aretia foi queimada por dragões em conformidade com o Tratado que põe termo ao movimento separatista. Os que fugiram sobreviveram e os que ficaram estão enterrados sob as ruínas da cidade.

– AVISO PÚBLICO 628.85,
TRANSCRITO POR CERELLA NIELWART



CAPÍTULO I

A revolução tem um sabor estranhamente... doce. Olho para o meu irmão mais velho, do outro lado de uma mesa de madeira desgastada, na enorme e movimentada cozinha da fortaleza de Aretia, e mastigo a bolacha de mel que ele pousou no meu prato. Caramba, é tão boa. Mesmo boa.

Talvez seja apenas porque não como há três dias, desde que um ser que não é assim tão mitológico me apunhalou nailharga com uma lâmina envenenada que me deveria ter matado. *Ter-me-ia* matado se não fosse o Brennan, que não deixa de sorrir enquanto eu mastigo.

Esta poderá muito bem acabar por ser a experiência mais surreal da minha vida. O Brennan está vivo. Os venéficos, manipuladores de magia negra que eu pensava que só existiam em lendas populares, são reais. O Brennan está vivo. Aretia ainda existe, embora tenha sido completamente destruída pelo fogo dos dragões, depois da rebelião tyrrense há seis anos. O Brennan está *vivo*. Tenho uma cicatriz nova de oito centímetros no abdómen, mas não morri. O Brennan. Está. Vivo.

– As bolachas são boas, não são? – pergunta ele, tirando uma da travessa à nossa frente. – Fazem-me lembrar as que aquele cozinheiro costumava fazer quando estávamos destacados em Calldyr, lembraste?

Eu olho fixamente para ele e continuo a mastigar.

Ele é tão... ele. No entanto, está diferente do que eu me lembro. Os caracóis arruivados estão mais aparados junto ao crânio e não a balançar em cima da testa, e já não lhe vejo aquela suavidade permanente nos traços do rosto, que agora tem umas rugas finas nas pontas dos olhos. Mas aquele sorriso? Aqueles olhos? É mesmo ele.

E impor-me a condição de eu comer antes de me levar para os dragões? Brennan mais Brennan não poderia ser.

Não que o Tairn costume esperar autorização, o que significa...

– *Eu também acho que é melhor comeres alguma coisa.* – A voz baixa e arrogante do Tairn enche-me a cabeça.

– *Sim, sim* – respondo no mesmo tom, ao mesmo tempo que volto a contactar a Andarna mentalmente e que uma das trabalhadoras da cozinha passa apressada, lançando um sorriso rápido ao Brennan.

Não obtenho resposta da Andarna, mas sinto o vínculo cintilante que nos liga, embora já não seja dourado como as escamas dela. Não consigo ter uma ideia mental completa, mas ainda tenho o cérebro um pouco turvo. Está a dormir outra vez, o que não é estranho quando usa toda a energia que tem para parar o tempo e, depois do que aconteceu em Resson, provavelmente vai precisar de dormir aproximadamente mais uma semana.

– Ainda não disseste praticamente uma única palavra, sabes? – O Brennan inclina a cabeça exatamente como costumava fazer quando estava a tentar resolver um problema. – É um bocado assustador.

– Assustador é estares aí a olhar para mim enquanto eu *como* – riposto depois de engolir, ainda com a voz um pouco rouca.

– E? – Ele encolhe descaradamente os ombros e o rosto faz uma covinha quando se ri. É a única coisa de menino que lhe resta. – Ainda há poucos dias, tinha quase a certeza de que nunca mais te veria a fazer, bem, *nada*. – Dá uma enorme mordida. Parece que continua com o mesmo apetite, o que é estranhamente reconfortante. – Já agora, não precisas de agradecer a reparação. Considera-a um presente para o teu vigésimo primeiro aniversário.

– Obrigada. – É isso mesmo. Passei o meu aniversário a dormir. E tenho a certeza de que o facto de eu ter ficado deitada na cama, às portas da morte, foi drama mais do que suficiente para toda a gente que está neste castelo, ou casa, ou o que quer que isto seja.

O Bodhi – o primo do Xaden – entra na cozinha com o passo largo, o uniforme vestido, o braço ao peito e a nuvem de caracóis pretos aparada de fresco.

– Tenente-coronel Aisereigh – diz o Bodhi, estendendo uma missiva dobrada ao Brennan. – Acabou de chegar de Basgiath. O cavaleiro vai ficar aqui até logo à noite, se desejar responder. – Lança-me um sorriso, e eu volto a ficar pasmada ao ver que ele parece mesmo uma versão mais suave do Xaden. Depois, acena com a cabeça para o meu irmão, vira-se e sai.

Basgiath? Outro cavaleiro aqui? Quantos serão ao todo? Qual é a força desta revolução, afinal?

A minha cabeça começa a disparar perguntas mais rapidamente do que a minha língua se consegue mexer.

– Espera. Tu és um tenente-coronel? Quem é o Aisereigh? – pergunto. Sim, porque *essa* é mesmo a pergunta mais importante a fazer neste momento.

– Tive de mudar de apelido por razões óbvias. – Olha de relance para mim e desdobra a missiva depois de quebrar o lacre de cera azul. – E ficarias espantada com a rapidez com que somos promovidos quando toda a gente que está acima de nós morre a um ritmo alucinante – diz ele; depois lê a carta e pragueja, antes de a enfiar no bolso. – Tenho de ir reunir-me com a Assembleia, mas acaba as tuas bolachas e eu encontro-me contigo no corredor daqui a meia hora, para te levar aos teus dragões. – Todos os vestígios da covinha e do irmão mais velho sorridente desapareceram, substituídos por um homem que mal reconheço e um oficial que não conheço de todo. O Brennan podia muito bem ser um estranho.

Sem esperar que eu responda, ele arrasta a cadeira para trás e sai, decidido, da cozinha.

Eu bebo o meu leite a olhar para o espaço vazio que o meu irmão deixou à minha frente, a cadeira ainda afastada da mesa, como se ele pudesse voltar a qualquer momento. Engulo o resto da bolacha que ainda estava preso no céu da garganta e levanto o queixo, determinada a nunca mais me sentar e esperar que o meu irmão regresse.

Levanto-me da mesa e vou atrás dele, cozinha fora e longo corredor adiante. O Brennan devia estar com pressa, porque já não o consigo ver.

O tapete intrincado abafa os meus passos ao longo do corredor de tetos altos abobadados até que chego a... *uau*. As vastas escadas duplas com degraus polidos e corrimãos cheios de detalhes erguem-se por mais três – não, quatro – andares acima de mim.

Até agora, estava demasiado focada no meu irmão para prestar atenção, mas agora fico completamente de boca aberta a olhar para a arquitetura deste espaço enorme. Cada patamar é ligeiramente descentrado do que está imediatamente abaixo, como se a escada estivesse a subir a montanha em que esta fortaleza foi construída. A luz da manhã jorra por dezenas de pequenas janelas que constituem a única decoração da parede de cinco andares que encima a enorme porta dupla da entrada da fortaleza. Parecem formar um padrão, mas estou demasiado próxima para o ver por completo.

Não tenho perspetiva, o que parece uma metáfora de toda a minha vida neste momento.

Os dois guardas vigiam todos os meus passos, mas não fazem um único gesto para me parar quando passo por eles; o que querará dizer que, pelo menos, não sou uma prisioneira.

Continuo a caminhar a passo largo pelo principal corredor da casa, até que acabo por ouvir o som de vozes de uma sala do outro lado, que tem uma das

duas enormes portas decoradas bem aberta. Quando me aproximo, reconheço imediatamente a voz do Brennan e sinto o peito a apertar-se ao ouvir aquele timbre tão familiar.

– Isso não vai funcionar. – A voz profunda do Brennan ecoa nas paredes.
– Próxima sugestão.

Passo pelo enorme vestíbulo, ignorando o que parecem ser mais duas alas para a esquerda e para a direita. Este lugar é espantoso. Meio palácio, meio casa, mas fortaleza de uma ponta à outra. As paredes de pedra grossas foram o que o salvaram da destruição que deveria ter acontecido há seis anos. Pelo que li, a Casa dos Riorson nunca foi penetrada por nenhum exército, mesmo durante os cercos que sei que existiram.

A pedra não arde. Foi o que o Xaden me disse. A cidade – agora reduzida a vila – tem vindo a reconstruir-se silenciosa e secretamente há anos, debaixo do nariz do general Melgren. As relíquias, aquelas marcas mágicas que os filhos dos oficiais da rebelião executados ostentam no corpo, permitem que eles se protejam do sinete de Melgren quando estão em grupos de três ou mais pessoas. O general não consegue ver o resultado de nenhuma batalha em que eles estejam presentes, pelo que nunca foi capaz de os «ver» a organizar a luta a partir daqui.

Há alguns aspetos da Casa dos Riorson – da posição defensável por estar entalhada na vertente da montanha aos chãos empedrados, passando pelas portas duplas reforçadas com aço na entrada principal – que me fazem lembrar Basgiath, a escola de guerra a que chamei casa desde que a minha mãe foi destacada para lá, como general comandante. Mas as semelhanças acabam aí. Nestas paredes, há arte, não apenas bustos de heróis de guerra exibidos em pedestais, e tenho quase a certeza de que o que está ali pendurado, na parede oposta à da entrada, onde estão o Bodhi e a Imogen, é um tapete autêntico de Promiel.

A Imogen leva o dedo aos lábios e depois faz sinal para que eu me dirija para o lugar vazio entre ela e o Bodhi. Eu obedeco e reparo que o cabelo meio rapado da Imogen foi recentemente pintado num tom de rosa mais vivo, enquanto eu estava a descansar. É óbvio que se sente à vontade aqui. O Bodhi também. Os únicos sinais de que estiveram em batalha são a ligadura em que o Bodhi apoia o braço partido e o corte no lábio da Imogen.

– Alguém tem de dizer o óbvio – diz um homem mais velho, com uma pala no olho e um nariz de falcão, do extremo mais distante da mesa que ocupa todo o comprimento da sala de dois andares. Tufos de cabelo grisalho enquadram-lhe as rugas fundas da pele ligeiramente bronzada e gasta, e a papada pende como a de um gnu. O homem recosta-se na cadeira e pousa a mão grossa na barriga arredondada.

A mesa poderia acomodar facilmente trinta pessoas, mas só estão cinco de um dos lados, todas vestidas com a indumentária preta dos cavaleiros, sentadas pouco depois da porta, num ângulo em que só nos veriam se se virassem completamente, o que não fazem. O Brennan anda de um lado para o outro em frente à mesa, mas também não nos consegue ver facilmente de onde está.

O meu coração sobe-me à boca e apercebo-me de que vou demorar algum tempo a habituar-me a ver o Brennan vivo. De certa forma, não mudou nada em relação ao que eu me lembro dele, mas está muito diferente. No entanto, ali está ele: vivinho da silva, a olhar com cara de poucos amigos para um mapa do Continente, na parede comprida, cujo tamanho só tem comparação com o da sala de aula de Sumário da Batalha, em Basgiath.

E, em pé em frente ao mapa, com um braço apoiado numa cadeira enorme e os olhos postos na mesa e nos seus ocupantes, está o Xaden.

Está com bom aspeto, mesmo com as bolsas negras que lhe mancham a pele castanho-clara debaixo dos olhos por falta de noites de sono. As maçãs do rosto altas, os olhos escuros que normalmente se fazem mais suaves quando encontram os meus, a cicatriz que lhe fende a sobrancelha e acaba debaixo do olho, a relíquia serpenteante e brilhante que acaba junto ao maxilar e as linhas esculpidas da boca que conheço tão bem como a minha são traços que, no conjunto, o tornam perfeito para mim comó raio, e ainda só estou a falar da cara dele. O corpo? Não sei bem como, mas é ainda melhor, e a forma como o usa quando me tem nos braços...

Não. Abano a cabeça e ponho um travão nos meus pensamentos. O Xaden pode ser lindo, e poderoso, e assustadoramente letal – o que não me devia excitar tanto como excita –, mas não posso confiar que me diga a verdade sobre... bem, sobre tudo. O que me *magoa* muito, tendo em conta quão pateticamente apaixonada estou por ele.

– E qual é a observação óbvia que tem a fazer, major Ferris? – pergunta o Xaden, num tom completa e absolutamente aborrecido.

– É uma reunião da Assembleia – diz-me o Bodhi num sussurro. – Basta um quórum de cinco para decidir um voto, uma vez que raramente estão os sete aqui ao mesmo tempo e quatro votos são suficientes para aprovar uma moção.

Registo e arquivo a informação.

– E nós podemos ouvir?

– As reuniões são abertas a quem quiser assistir – responde a Imogen igualmente em voz baixa.

– E estamos a assistir... no corredor? – pergunto.

– Estamos – responde a Imogen sem mais explicações.

– A única opção que temos é o regresso – continua o Nariz de Falcão.

– Se não for essa a nossa decisão, colocamos tudo o que estamos aqui a construir

em risco. As patrulhas de busca não de passar por aqui e nós não temos cavaleiros suficientes...

– É um bocado difícil recrutar cavaleiros ao mesmo tempo que tentamos manter-nos indetetáveis – replica uma mulher pequena com o cabelo preto brilhante como o de um corvo, a pele em tons de umbra a dobrar-se nos cantos dos olhos quando ela os fixa, furiosa, no homem mais velho ao fundo da mesa.

– É melhor não nos desviarmos do assunto, Trissa – diz o Brennan, a esfregar a cana do nariz. O nariz do nosso pai. A semelhança entre eles é perturbadora.

– Não adianta aumentarmos o número de efetivos sem uma forja a funcionar para os munirmos de armas. – O Nariz de Falcão levanta a voz acima das dos demais. – Ainda nos falta um luminar, se ainda não repararam.

– E em que ponto estamos nas negociações com o visconde Tecarus pelo dele? – pergunta um homem grande, numa voz calma e ronronante, com a mão de ébano a cofiar a densa barba grisalha.

Visconde Tecarus? Tecarus não é uma família nobre presente em nenhum dos registos de Navarre. Nem sequer temos viscondes na nossa aristocracia.

– Ainda estamos a trabalhar numa solução diplomática – responde o Brennan.

– Não há solução. O Tecarus ainda não se esqueceu do insulto que o Xaden lhe fez no verão. – Uma mulher mais velha com a constituição de um machado de guerra e o cabelo loiro a cair-lhe pouco abaixo do queixo quadrado e alvadio fixa os olhos no Xaden.

– Eu já disse que o visconde nem sequer se vai dar ao trabalho de no-lo dar – responde o Xaden. – O homem passa a vida a *coleccionar* coisas. Não as *negoceia*.

– Bem, connosco é que não vai *negociar* de certeza – riposta ela, semicerando os olhos. – Sobretudo se nem sequer equacionas a última oferta que ele fez.

– Ele que se foda com a *oferta* dele. – A voz do Xaden é calma, mas os olhos têm um brilho duro que desafia qualquer pessoa na mesa a discordar dele. Como se estivesse a mostrar àquelas pessoas que elas não valem o tempo que ele está a perder, contorna o braço de uma cadeira enorme e senta-se, esticando as pernas compridas e pousando os braços nos apoios de veludo da cadeira, como se nada o preocupasse no mundo.

O silêncio que se abate sobre a sala é revelador. O Xaden impõe tanto respeito na Assembleia da revolução como acontecia em Basgiath. Não conheço nenhum dos outros cavaleiros, tirando o Brennan, mas aposto que o Xaden é o mais poderoso da sala, dado o silêncio que todos fazem.

– *Por enquanto* – lembra-me o Tairn com a arrogância que só cem anos de combate como um dos mais formidáveis dragões do Continente podem dar.

– *Manda os humanos trazerem-te para o vale quando as discussões políticas terminarem.*

– É bom que haja uma solução. Se não conseguirmos fornecer armamento suficiente aos voadores de grifos para que possam lutar a sério no ano que vem, a maré vai mudar de tal maneira que nunca vamos conseguir sustentar o avanço dos venéficos – observa o Barba Grisalha. – Tudo isto terá sido em vão.

Sinto um aperto no estômago. Um ano? Estamos assim *tão* perto de perder uma guerra sobre a qual não tinha conhecimento absolutamente nenhum há poucos dias?

– Como disse, estou a trabalhar numa solução diplomática para o luminar – diz o Brennan num tom mais contundente –, e estamos a fugir tanto do tema que nem tenho a certeza de que seja a mesma reunião.

– Eu voto em irmos buscar o luminar de Basgiath – sugere a Machado de Guerra. – Se estamos tão perto de perder esta guerra, não temos outra opção.

O Xaden lança um olhar ao Brennan que eu não sou capaz de decifrar. Respiro fundo quando me apercebo de que provavelmente ele conhece melhor o meu irmão do que eu.

E não me contou nada sobre ele. De todos os segredos que guardou, este é o que tenho mais dificuldade de engolir.

– *E o que é que terias feito com esse conhecimento, se ele te tivesse dito alguma coisa?* – pergunta o Tairn.

– *Não tentes trazer a lógica para uma questão emocional.* – Cruzo os braços sobre o peito. É o meu coração que não me deixa perdoar o Xaden por completo.

– Já tivemos essa discussão – diz o Brennan num tom definitivo. – Se formos buscar a forja de Basgiath, Navarre não poderá reabastecer as reservas nos postos avançados. Morrerão inúmeros civis se essas guarnições caírem. Algum de vocês quer ser responsável por isso?

Faz-se silêncio.

– Então estamos de acordo – diz o Nariz de Falcão. – Enquanto não formos capazes de abastecer os voadores, os cadetes *terão* de regressar.

Oh.

– Estão a falar de nós – sussurro. É por isso que estamos fora da linha de visão direta da sala.

O Bodhi assente com a cabeça.

– Estás estranhamente calada, Suri – aponta o Brennan, olhando para uma morena de ombros largos com pele de azeitona, uma única faixa de prata no cabelo e um nariz que se agita como o de uma raposa, sentada ao lado dele.

– Eu diria que podemos enviá-los a todos menos dois. – O desprendimento com que ela fala e tamborila com os dedos na mesa, com um anel de esmeralda

gigante a refletir a luz, lança-me um arrepio pela espinha abaixo. – Seis cadetes podem mentir tão bem como oito.

Oito.

O Xaden, o Garrick, o Bodhi, a Imogen, três marcados que não tive a oportunidade de conhecer antes de sermos atirados para o meio da batalha e... eu.

Sinto um mal-estar a subir como uma maré. Os Jogos de Guerra. Devíamos estar a terminar a última competição do ano entre as divisões do Quadrante dos Cavaleiros em Basgiath, mas, em vez disso, entrámos numa batalha mortal com um inimigo que eu pensava que não passava de uma personagem das lendas populares; e agora estamos... bem, estamos aqui, numa cidade que não devia existir.

Mas não todos nós.

Sinto um aperto na garganta e pestanejo para conter o ardor nos olhos. A Soleil e o Liam não sobreviveram.

O *Liam*. O cabelo loiro e os olhos azuis enchem-me a memória, e a dor irrompe-me por entre as costelas. O riso retumbante. O sorriso rápido. A lealdade e a bondade. Foi-se tudo. *Ele* foi-se.

Tudo porque prometeu ao Xaden que me protegeria.

– Nenhum dos oito é dispensável, Suri. – O Barba Grisalha recosta-se nas pernas traseiras da cadeira e examina o mapa atrás do Xaden.

– O que propões, Felix? – replica a Suri. – Que dirijamos uma escola de guerra com todo o nosso tempo livre? A maioria não terminou a instrução. Ainda não nos é útil.

– Como se algum de vocês tivesse uma palavra a dizer sobre o nosso regresso – interrompe o Xaden, conquistando a atenção de toda a gente. – Vamos ouvir o conselho da Assembleia, mas será só isso... *um conselho*.

– Não nos podemos dar ao luxo de arriscar a tua vida – defende a Suri.

– A minha vida é igual à de qualquer um deles. – O Xaden faz um gesto na nossa direção.

O olhar do Brennan encontra-se com o meu, depois arregala-se.

Todas as cabeças na sala se viram para nós e eu luto contra o instinto de recuar ao ver quase todos os olhares a semicerrarem-se em mim.

Quem é que eles veem? A filha da Lilith? Ou a irmã do Brennan?

Levanto o queixo porque sou ambas... e sinto-me como se não fosse nenhuma das duas.

– Não a de todos – diz a Suri, olhando diretamente para mim. *Au*. – Como é que puderam ficar aí parados e deixar que ela ouvisse a conversa da Assembleia?

– Se não queriam que ela vos ouvisse, deviam ter fechado a porta – responde o Bodhi, entrando na sala.

– Ela não é de confiança! – A ira pode estar a ruborizar-lhe as faces, mas o que vejo nos olhos da Suri é medo.

– O Xaden já assumiu a responsabilidade por ela. – A Imogen dá um passo para o lado e aproxima-se ligeiramente de mim. – Por mais brutal que essa preferência possa ser.

O meu olhar vira-se de súbito ao encontro do do Xaden. De que raio é que ela está a falar?

– Continuo a não compreender essa tão peculiar decisão – acrescenta o Nariz de Falcão.

– A decisão foi fácil. Ela vale por doze como eu – diz o Xaden, e eu fico sem fôlego com a intensidade do olhar dele. Se eu não estivesse já avisada, pensaria que ele está a ser sincero. – E não estou a falar do sinete dela. Seja como for, ter-lhe-ia dito tudo o que discutimos aqui, pelo que a porta estar aberta é irrelevante.

Acende-se uma centelha de esperança no meu peito. Talvez ele tenha realmente deixado de guardar segredos de mim.

– Ela é filha da general Sorrengail – salienta a Machado de Guerra, com clara frustração na voz.

– E eu sou filho da general – observa o Brennan.

– Mas tu já provaste bem a tua lealdade ao longo dos últimos seis anos! – grita a Machado de Guerra. – Ela não!

A ira sobe-me ao pescoço e enrubesce-me as faces. Estão a falar de mim como se eu nem sequer estivesse aqui.

– Ela lutou ao nosso lado em Resson. – O Bodhi também eleva a voz, o corpo tenso.

– Ela tem de ser confinada. – O rosto da Suri fica completamente corado quando ela se afasta da mesa, se levanta e finca os olhos na metade prateada do meu cabelo que forma a minha coroa entrançada. – Pode arruinar-nos a todos com o que sabe.

– Concordo. – O Nariz de Falcão junta-se a ela a olhar para mim com evidente aversão. – Ela é demasiado perigosa para ficar em liberdade.

Sinto os músculos do estômago a retesarem-se, mas mascaro a minha expressão como vi o Xaden fazer inúmeras vezes e deixo as mãos junto às ilhargas, perto dos punhais que me enchem as bainhas. Posso ter um corpo frágil e articulações pouco confiáveis, mas a minha pontaria com a faca tem uma precisão letal. Não vou deixar que me engaiolem aqui nem que se fodam todos.

Observo cada um dos membros da Assembleia, a tentar perceber qual é a maior ameaça.

O Brennan levanta-se, imponente.

– Sabendo que ela se vinculou ao Tairn, cujos vínculos se tornam mais profundos a cada cavaleiro que passa, e cujo vínculo anterior já era tão forte, que

a morte do Naolin quase o matou? Sabendo que tememos que ele morra se ela morrer? Que, por isso, a vida do Riorson está amarrada à dela? – Acena com a cabeça na direção do Xaden.

A desilusão amarga-me a língua. É só isso o que eu sou para ele? A fraqueza do Xaden?

– Eu sou o único responsável pela Violet. – A voz do Xaden baixa-se em malícia pura. – E se eu não for suficiente, há não um mas *dois* dragões que já se responsabilizaram pela integridade dela.

Chegou a hora de dizer basta.

– *Ela* está aqui a ouvir tudo o que estão a dizer – atiro, e sinto uma satisfação pouco lisonjeira a percorrer-me o corpo ao ver o número de bocas abertas à minha frente. – Por isso, deixem de falar *sobre* mim e tentem falar *comigo*.

Um canto da boca do Xaden curva-se e o orgulho que lhe perpassa pelo rosto é inconfundível.

– O que é que querem de mim? – pergunto-lhes, avançando pela sala. – Querem que atravesse o Parapeito e prove a minha coragem? Feito. Querem que traia o meu reino defendendo os cidadãos de Poromiel? Feito. Querem que guarde os segredos dele? – Aponto para o Xaden com a mão esquerda. – Feito. Guardei *todos* os segredos.

– Exceto o que importava. – A Suri levanta uma sobrancelha. – Todos sabemos como acabaste em Athebyne.

O sentimento de culpa tolhe-me a garganta.

– Isso não foi... – começa o Xaden, a levantar-se da cadeira.

– A responsabilidade não foi dela. – O homem mais próximo de nós, com a barba grisalha, Felix, levanta-se, bloqueando-me a vista da Suri quando se vira para ela. – Nenhum cadete do primeiro ano seria capaz de bloquear um leitor de mentes, sobretudo um que considere um amigo. – O homem volta-se para olhar para mim. – Mas tens de saber que, agora, tens inimigos em Basgiath. Se regressares, é bom que saibas que o Aetos não estará entre os teus amigos. Vai fazer tudo o que puder para te matar depois do que viste.

– Eu sei. – As palavras saem-me com dificuldade da boca.

O Felix assente com a cabeça.

– Estamos conversados – diz o Xaden, a olhar fixamente para a Suri e depois para o Nariz de Falcão, que deixam cair os ombros em sinal de derrota.

– Espero novas informações sobre Zolya de manhã – diz o Brennan. – Considerem esta reunião da Assembleia encerrada.

Os membros do conselho afastam as cadeiras e passam por nós os três depois de nos desviarmos do caminho. A Imogen e o Bodhi ficam ao meu lado.

Por fim, o Xaden começa a caminhar, mas detém-se à minha frente.

– Nós vamos andando para o vale. Vem ter connosco quando pudeses.

– Vou convosco agora. – Este é o último lugar do Continente onde quero que me deixem sozinha.

– Fica aqui e fala com o teu irmão – diz ele em voz baixa. – Quem sabe quando terás outra oportunidade.

Olho para lá do Bodhi e vejo o Brennan no meio da sala, à minha espera. O Brennan que nunca deixava de me ajudar a ligar os joelhos quando eu era pequena. O Brennan que escreveu o livro que me ajudou a ultrapassar o primeiro ano. O Brennan... de quem tenho saudades há seis anos.

– Vai lá – insta o Xaden. – Nós não saímos daqui sem ti e não vamos deixar que a Assembleia dite o que vamos fazer. Nós os oito vamos decidir o que fazer juntos. – O Xaden lança-me um longo olhar, que me aperta o coração traiçoeiro, e vai-se embora. O Bodhi e a Imogen seguem-no.

O que me deixa com o meu irmão, munida de seis anos de perguntas.